



A JUVENTUDE

Boletim da
Secção de Jovens da L.E.C. de Gaia

Nº 4 — ABRIL de 1945 — ANO 1º



Roberto
1945

Redenção

Por mim, por ti, por tãda a Humanidade,
Jesus desceu à Terra certo dia,
Provando d'este modo que existia,
Um Deus Onnipotente e de Bondade.

Depois de dar exemplo de Humildade,
Lê espalhar pelos pobres a alegria,
De dizer que depois da morte havia
Um lugar para nós, na Eternidade,

Foi entre dois ladrões crucificado,
Com seu sangue lavou nosso pecado,
Para podermos ir assim vivendo...

Recordando tragédias que lá vão,
Medita um pouco e alegre-te, oh! Cristão,
Jesus 'stá vivo e 'stá-nos protegendo!...

Joaquim Toles F. Gomes



Páscoa Florida

Abril! Aleluia! Aleluia! Andam pelos ares bandadas
de andorinhas a encher de gritos os ares perfumados e
mornos.

Aleluia! Aleluia!

A terra está em festa... entrou a Páscoa florida,
há uma ressurreição de energia por tãda a parte.

Aleluia! Aleluia! Páscoa florida! Ressurreição de
Deus! Como é linda esta época! É encantadora...

Pudessom as almas, como o chão bravo, abrir para
vida nova e estremecer ao calor do Sol da Vida.
Pudessom despertar nolas os cantares da imortalidade...

Arnaldo de Oliveira Pinto

Sonho

Há talvez dois anos, numa manhã de inverno, acor
dei repentinamente sob uma agradável impressão.

Levantei-me, e, ao chegar a janela, estranhei a
humidade do chão. Porque de noite, em sonhos, tinha habi-
tado o jardim mais belo que se pode imaginar.

Fôra cruel o meu despertar! Porque me fez son-
tir mais a escuridão que me cercava, e a mesquinhez do co-
ração humano.

E agora, revia o sonho que me parecia um aviso
para aquele, que cansado, procura por qualquer meio esque-
cer as suas pãnciras e desditas.

.....

Atormontada por um sol abrasador, cercada por
um enorme precipício que me obrigava a continua vigi-
lância, ajudava eu o meu pai num trabalho manual..

Cansada e impaciente pela demora d'este, levantei
os olhos, e vi à minha frente uma estrada comprida, a
perder de vista, com lindos arcos de pedra que se repe-
tiam alargando, à maneira de funil.

Nunca tinha reparado nela. E cheia de curiosi-
dade, comecei a observar o primeiro arco artisticamente
trabalhado. E porque êle era belo, e a sua beleza me se-
duzia, fui passando dum para o outro, fui avançando para
o largo, até se desvanecer tãda a minha admiração! Porque

Os arcos agora eram mais, apenas a pedra lisa lhe dava a forma.

Dopo de muito andar, cansada e desiludida, encontrei o meu irmão mais velho, que me disse ir a procura dum lugar agradável, longe dos raios solares, para descansar nas horas de calor.

Era esse lugar que eu também buscava!
E mais animada, segui com ele para a frente.

Entretanto, a noite ia caindo, dando um ar estranho a tudo o que nos cercava. A pedra dos arcos tornou-se negra, e a brisa que corria e nos bafejava o rosto, tornou-se morna e insuportável.

Chegamos enfim ao último arco, gigantesco e horrendo, que parecia querer desabar sobre nós.

Desse arco, como do limiar duma porta, observava - mos o imenso parque que se estendia a nossa frente.

Tudo o entusiasmo, toda a esperança se dissipou de repente. Por que em vez do oasis delicioso que procurávamos,

em vez do jardim delicioso que esperávamos encontrar, surgiu - nos um denso parque com um mixto de horror e de de misterio, oculto na sombra dos cedros seculares. E o brando vento, trazia até nós, em vez do doce chilrear da passarada, o pio tenebroso das aves nocturnas!

De repente, cecou na floresta um ruído medonho, lugubre, esturrujo, que me fez despertar da imobilidade em que eu tinha caído.

Não havia dúvida! Toda aquela folhagem tam densa, tam sombria, ocultava as vorazes garras dos animais ferozes, o ongo e a morte.

Espavorida, avisei o meu irmão do perigo, e voltei para traz, enquanto ele, com olhar melancolico e ouvido atento, parecia querer traduzir o sussurro da folhagem.

Corri muito para chegar ao ponto de partida. O caminho estreitocora, a noite dissipara - se, e o último arco era tam estreito, que para o passar fiz grande esforço, apertei - me contra as pedras, e encontrei o meu pai que continuava a trabalhar!

Dopo de lhe contar o motivo da minha ausência, meu pai fez - me saber que eu não me encontrava ainda segura. Para gozar da paz desejada, era preciso atravessar o precipício que nos rodeava.

Olhei para baixo. Uma torrente de água barrenta corria impetuosa.

As vagas espumantes saltavam com fragor, formavam redomoinhos, e continuavam a sua doida carreira.

E como unica passagem, ruínas duma ponte!...

Era arriscada a travessalia de expectativa do país das delicias, dou - me coragem. E quando cheguei do outro lado, achei - me num jardim cheio de luz e de esplendor! Ali gozava - se da paz sempiterna. Varões com roupas resplandecentes, cantavam suaves cores.

E quando eu cantava ao som da harpa, passando pelo jardim, acordei. E o grito dorido da humanidade enferma, substituiu o som angelico da harpa!...

Isabel Maria T. F. Gomes

Orando

Oh! Cristo Eterno, Deus Supremo e Bondito.

Ao lembrar de novo a tua morte, estes teus humildes filhos, indignos de tam Excelso Pai, unidos num sentimento de amor e contrição, dobram reverentes os joelhos, e cobertos de lágrimas, ponitenciam - se com verdadeiro arrependimento, e louvam - Te, Oh! Deus, pela Tua dedicacão e sacrificio em prol de si.

Nesta época ões reolombrem o Teu Poder, reconhecem a Tua Autoridade Suprema, e vñem quão fracos são, quanta obediência Te devem. Muitos castigos mereceriamos e a grande e dolorosa ponitencias seriamos submetidos, se a Tua Bondade Infinita julgasse pelo espirito dos homens.

Mas Tu, Oh! Imaculado Exemplo de Perdão, tudo esqueces do bom grado. Tu, Oh! Pai Amante e Divino Creator, na Tua Grada Paterna estás disposto a receber os filhos pródigoes, se ões num momento lamentarem a vida passada, se o espirito de arrependimento perpassar pelas suas mentes, e uma vontade firme de Te obedecer e seguir a Tua Doutrina por a regra que os nortejar na vida futura.

Os homens perseguiram - Te, desmentiram - Te e ultrajaram - Te. E dos Teus lábios, do Teu Coracão de Bondade, só saíram palavras de carinho, palavras de ensino.

Os homens crucificaram - Te, colocaram - Te, Oh! Rei dos Reis, entre vis lastros, pregado a uma cruz, o apanajio de crimes, que não cometestes. E Tu, esqueundo estas maldades, e dando provas até ao último momento do Teu grande amor, pediste: "Perdoai - lhes, Pai, que não sabem o que fazem".

Os homens mataram - Te. E em vez da condenação eterna, nós, vermes corruptos, filhos tresmalhados, rocebomos pela Tua Morte a chave de admissão no Reino Eterno do Teu Pai. Quão Bondoso és, Oh! Deus!

E acabaste a Tua carreira, carreira dum prégador, dum apóstolo, dum santo, com um milagre, que nos deixou até nítos a nós, a quem é impossivel compreender quanto poder: a Tua própria Ressurreicão.

Subiste em glória, e em glória deixaste este mundo

onde da Tua passagem só ficaram exemplos de amor ao próximo, regras de caridade, modelos de vida pura e santa.

E nós, em vez de pormos os olhos nestes exemplos, e em vez de procurar imitar-Te, levando uma vida sóbria, justa e pia, como Tu queres, alimentamos nos nossos corações o fogo do ódio, e o espírito do mal germina nos nossos actos, de novo ao relembrar a Tua morte e Ressurreição, ponderamos na nossa fraqueza, e joelhos em terra, erguemos-te uma prece, que esperamos atenderás:

Assim como em tua vida exaltaste os humildes, transformaste os que se orgulhavam em humildes creaturas, deste à cruz em que Te quiseram vexar, um significado de redenção, fizeste dela um emblema daqueles que Te seguiram, transforma também o nosso coração, faze com que para elle morram os pecados, com que o passado não seja mais que uma triste recordação, e que a vida futura venha ser para nós uma ressurreição dos santos princípios que Tu nos ensinaste.

Nós choramos as faltas cometidas, e contritos penitenciamos-nos. NÃO nos desampares, e abençoa-nos. Sim?

AMEN

José Manuel G. de Pina Cabral

Ressurreição

No dia 1 de Abril, comemora-se mais uma vez a Ressurreição do Nosso Salvador.

O facto é bem conhecido, e por isso não se torna necessário relatá-lo de novo.

Nesta época do ano tudo na Natureza está alegre: os campos e os montes estão floridos e as estevas e romaninho espalham pelo ar o seu inebriante perfume. Tudo tudo parece conjugar-se para festejar a gloriosa Ressurreição do Redentor.

Quando a Natureza assim se alegra, não achais justo que o nosso coração se alegre também? Sim, devemos mostrar a nossa alegria, uma alegria sã que nos inunde por

completo. Por muito que nos aflijam os revezes da vida, neste dia sempre cobraremos alento e a esperança inundará a nossa alma.

E notemos que para mostrar a nossa alegria não é necessário andar constantemente a cantar e a rir. Basta que o nosso coração se sinta alegre, por assim dizer aliviado do peso dos desgostos de que anda de ordinário ajeitado.

A Ressurreição do Nosso Salvador, deve ser sempre para nós, antes, um motivo de alegria e de esperança, porque nos abriu as portas do Céu, que até aí nos era vedado, pelo pecado de Adão e Eva.

Mostremos pois a nossa alegria e reconhecimento ao Senhor, fazendo-lhe a promessa duma vida melhor e mais santa.

Maria Rosa Moura

= FELICIDADE =

Quem não a procura? Quem a não deseja possuir? Quem não a quer ter presa nos seus braços, para não mais a perder?

Todos a procuram, todos a querem possuir e a querem ter presa nos seus braços, mas poucos a possuem, porque a julgam longe, tam longe que seja preciso ultrapassar montes, serras e vales profundos, para encontrar esse tesouro, mal sabendo que elle está pronto a entrar em sua casa, para fazer os felizes, como poucos que há.

Mas, como lhe poderemos abrir a nossa porta para que ela entre? Um sábio estrangeiro, a respeito da felicidade, disse: "A verdadeira felicidade está em nós fazermos felizes os outros". Como se comprehende isto? Andarmos à procura dela, para a darmos aos outros?

Sim, caros leitores, aqui está a verdadeira felicidade. Se nós quermos ser felizes, façamos primeiro feliz o nosso próximo. Queres tu, leitor amigo, ser feliz? Faz primeiro os outros felizes, porque assim fazendo, tornas-te feliz a ti próprio.

Vitor Manoel Pinheiro